

A dor na pessoa com ferida crónica

Por Salomé Gomes Reis ⁽¹⁾

(1) Enfermeira especialista em Reabilitação e Mestre em Feridas e viabilidade tecidual, USF Nove Torres

Introdução

Apesar de a dor ser considerada como 5º sinal vital e do Ministério da Saúde ter definido um Plano de Luta Nacional contra a Dor, a avaliação e valorização da mesma continuam a não ser consideradas prioritárias, nomeadamente no âmbito do tratamento de feridas.

A avaliação e controlo da dor na pessoa com ferida crónica é prioritário pois, para além das dificuldades e angústias provocadas pela ferida crónica, a dor é sinónimo de sofrimento, comprometendo a qualidade de vida e interferindo nas diferentes Atividades de Vida da pessoa. No entanto, verifica-se uma focalização na cicatrização da ferida, em detrimento da avaliação da dor e do seu impacto, não só no momento de realização do penso, mas também nas atividades do dia-a-dia.

Por estas razões, e pretendendo analisar as vivências da dor na pessoa com ferida crónica, compreender o impacto da mesma nas diferentes Atividades de Vida e identificar os fatores que influenciam a dor e o seu controlo em feridas crónicas, elaborámos o presente estudo, visando contribuir para a qualidade dos cuidados de saúde prestados à pessoa com ferida crónica e com dor associada.

Palavras-chave: Dor; Ferida crónica; Atividades de Vida; Sentimentos.

Metodologia

Este estudo enquadra-se no paradigma qualitativo, sendo o mesmo descritivo e transversal. Foram realizadas doze entrevistas, a pessoas com ferida crónica e dor associada à mesma, que correspondiam aos critérios de seleção da amostra, nos Centros de Saúde de Torres Novas (incluindo Sede, extensão de Riachos e Brogueira), Entroncamento e Alcanena.

Crítérios de inclusão na amostra:

- Ter entre os 18 e os 80 anos;
- Presença de ferida(s) há mais de 3 meses;
- Ter dor associada à ferida;
- Não estar dependente total nas Atividades de Vida (por razões de compreensão e capacidade de contribuir para o estudo).

Tendo por base a leitura dos dados colhidos e tendo presente o que foi dito anteriormente, foram definidas categorias e subcategorias, de forma a proceder à análise de conteúdo dos dados colhidos através das entrevistas.

Resultados

• Alterações na AV Higiene Pessoal e Vestir-se

A preocupação com o vestuário tornou-se notória, principalmente nos entrevistados do sexo feminino. Analisando os seus comentários é possível compreender que esta preocupação está relacionada com a ferida em si e, com o facto de os outros a poderem ver e comentarem.

• Alterações AV Mobilizar-se

A incapacidade de mobilidade provocada pela dor, faz com que se torne necessário o apoio de outras pessoas para que consigam realizar certas atividades do dia-a-dia, o que acaba por incutir um sentimento de dependência dessa ajuda.

Alguma das entrevistadas, referiram ainda que necessitaram de recorrer a auxiliares de marcha devido à dor associada à ferida, para se poderem mobilizar.

Existe ainda uma outra dimensão da incapacidade em se mobilizar, relacionado com a exposição dessa dificuldade publicamente. Para alguns dos entrevistados a exposição pública das dificuldades de mobilização leva a sentimento de vergonha, devido aos comentários dos outros.

• Alteração na AV Dormir

Muitos dos entrevistados deste estudo referiram dificuldade em dormir por causa da dor na ferida, levando a sentimentos de desespero e desconforto (pois não encontravam posição confortável para descansar).

A dor na ferida pode ser de tal forma esmagadora que a pessoa chega a sentir receio da noite.

Resultados

• Alterações na AV Trabalhar e distrair-se

Quanto ao trabalho/emprego, 42% dos entrevistados referiram que se reformaram antecipadamente por não conseguirem continuar a sua atividade profissional devido à dor associada à ferida. É importante referir que dos entrevistados que trabalham (42%), cerca de 60% dos mesmos, apesar da dor associada à ferida, mantêm-se a trabalhar por necessidade económica, principalmente para aquisição da medicação de que necessitam.

Quando ao aspeto de saírem para se divertir, muitos deixaram os hábitos que tinham, devido à dor associada à ferida e também por causa dos comentários dos outros com que se cruzam.

• Alteração nos fatores socioculturais

É ainda importante referir que apesar do apoio dos familiares, as pessoas nem sempre estão dispostas a manifestar a dor que sentem e o sofrimento que esta lhes causa, por receio de se tornarem repetitivos, queixando-se constantemente e, além disso, também pretendem evitar preocupar aqueles que lhes querem bem.

Muitos dos entrevistados, também recorreram à sua fé em Deus para conseguirem suportar a dor na ferida e o impacto que isso tem na sua vida.

• Sentimentos associados ao tratamento e à equipa de saúde

Alguns dos entrevistados valorizaram o facto dos enfermeiros humedecerem o penso com soro antes do remover e o facto de avaliarem a evolução da ferida de uma forma atenta e preocupada. No entanto, outros entrevistados manifestaram-se descontentes com o facto de alguns profissionais serem bruscos a fazer o tratamento, apesar dos mesmos referirem dor.

Alguns dos entrevistados revelaram que apesar de sentirem dor durante certos procedimentos, aceitam a mesma com resignação, pois sentem que é algo que faz parte do tratamento, que é necessária para a cicatrização da ferida ou porque vêm uma evolução positiva da ferida.

Alguns entrevistados referem ansiedade e medo antes de virem ao tratamento, estando este aspeto relacionado, em alguns casos, com a possibilidade de sentirem dor durante o mesmo.

Alguns entrevistados desenvolveram sentimentos de empatia para com algumas das enfermeiras que lhes prestavam cuidados. Estes sentimentos surgem ou por sentirem preocupação por parte das mesmas ou porque o contacto já é tão frequente, que sentem que elas os conhecem muito bem, realizando o tratamento da forma que estão habituados e que mais gostam. A comunicação também é valorizada.

Conclusões

Tal com havia sido identificado na revisão da literatura, verificou-se que a dor é uma componente importante da vivência da pessoa com ferida crónica. Como conclusões, relativamente às vivências da dor, temos:

- A dor relacionada com a ferida é, frequentemente, associada a sentimentos de medo, angústia e desespero, levando a considerar a possibilidade de existir mais uma patologia grave associada à mesma.
- Foram ainda associados sentimentos de descrença, face ao fato de virem a deixar de sentir dor; frustração e tristeza, por constatarem que a sua vida foi alterada pelas limitações impostas pela dor na ferida.
- A presença constante da dor, não só leva a sentimentos de ansiedade mas, é algo que relembra a existência da ferida.
- A família, os amigos e a fé em Deus, são fontes de apoio para lidar com os aspetos negativos de viver com dor associada à ferida crónica. No entanto, as limitações impostas pela dor afetam não só a pessoa mas também os familiares, o que leva a sentimentos de revolta por parte dos mesmos. A própria fé em Deus mostrou-se abalada, por não verem o seu sofrimento aliviado.

Referências bibliográficas: Reis, S. G. (2012). *A dor na pessoa com ferida crónica*. Tese de mestrado em Feridas e viabilidade Tecidual. Universidade Católica Portuguesa – Instituto de Ciências da Saúde, Lisboa. 135 pp.